

Inventário das palavras de origem portuguesa no malaio/indonésio

Ebal Bolácio¹

Resumo: O presente artigo pretende analisar e atualizar as listas existentes até a década de 1980 das palavras de origem portuguesa no Malaio/Indonésio. O *corpus* utilizado foi, além das duas listas, os dois dicionários mais completos de ambas as variedades nacionais do idioma a fim de constatar a presença ou não das palavras de origem portuguesa. Constatou-se que aproximadamente 2/3 dos vocábulos ainda constavam dos dicionários. Pretendeu-se também avaliar o que esses empréstimos dizem acerca do contato linguístico entre portugueses e aqueles povos do Sudeste Asiático. Pôde ser constatado que esse contato foi muito mais intenso do que simples relações comerciais.

Palavras-chave: Contato linguístico; Língua Portuguesa; Malaio/Indonésio.

O presente trabalho baseia-se na Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Estudos do Sudeste-Asiático da Universidade de Frankfurt am Main, Alemanha, em 5 de agosto de 2001, cujo objetivo era a análise dos empréstimos do português ao malaio/indonésio a criação de um inventário atualizado desses lexemas.² Alguns autores já haviam pesquisado o vocabulário de origem portuguesa no malaio/indonésio, principalmente Luigi Santa Maria, que publicou, em 1967, uma vasta pesquisa em seu clássico estudo *I Prestiti Portoghesi nel Malese-Indonesiano*. Santa Maria participou também ativamente do *Indonesian Loan-words Project*, sendo o responsável pelas palavras de origem portuguesa nesse levantamento.

O *corpus* do trabalho apresentado como dissertação de conclusão

1 Professor adjunto da Universidade Federal Fluminense. Professor colaborador junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

2 O título original em alemão é *Bestandsaufnahme der portugiesischen Lehnwörter im heutigen Malaischen/Indonesischen*, da qual não há cópia disponibilizada digitalmente.

do curso *Magister Artium*³ em 2001 consistiu nos dois mais importantes dicionários monolíngues do malaio/indonésio em sua mais recente edição à época: *Kamus Dewan* e *Kamus Besar Bahasa Indonesia*. O intuito era analisar a presença ou ausência dos vocábulos listados por Santa Maria, atualizando os dados .

A pesquisa restringiu-se às variedades *standard* (*Bahasa Melayu* ou *Malaysia* e *Bahasa Indonesia*).⁴ Regionalismos só foram citados quando constavam dos dicionários pesquisados. Como a presença portuguesa se fez sentir nos séculos XV-XVII na área do que são hoje a Malásia e a Indonésia de forma irregular, i.e., algumas regiões tiveram mais contato com os portugueses do que outras, é possível que outros vocábulos de origem portuguesa estejam presentes em alguma variedade do malaio/indonésio ou de outras línguas da região, mas a pesquisa não pôde abarcar essa análise. Foram levadas em consideração *todas* as palavras contidas nos dois dicionários, ou seja, não foram pesquisadas apenas as palavras que têm comprovadamente origem no português. Com isso, procurou-se também observar se haveria outras palavras cuja origem portuguesa não havia sido detectada até aquele momento.

Além disso, tentou-se trazer para o estudo das línguas austronésicas os saberes dos estudos de filologia, etimologia e linguística histórica das línguas românicas. Principalmente dados do português falado nos séculos XV e XVII e de línguas crioulas de base portuguesa foram consultados com o intuito de aclarar eventuais elos ainda não detectados. Obras clássicas da história do malaio e das línguas austronésicas também foram consultadas.

3 De acordo com o sistema universitário à época na Alemanha, Estudos do Sudeste-Asiático foram minha 1ª área de estudo (*Schwerpunkt*) e a 2ª foi Romanística (Estudos Latino-americanos e Filologia Hispânica).

4 Para o presente estudo, usaremos a distinção entre *malaio* e *indonésio* apenas para designarmos a língua falada à época dos primeiros contatos com os europeus pelos povos no que é hoje a Malásia, Indonésia, Singapura, Brunei e partes da Tailândia, onde é falado até hoje, seja como língua materna ou língua franca. A fim de nos referirmos aos dois *standards* atuais, da Malásia e da Indonésia , usaremos o termo duplo *malaio/indonésio* (YONG, 2001).

O presente trabalho não pretende ser, no entanto, uma mera lista atualizada dos empréstimos do português ao malaio, os quais remontam a quase 500 anos atrás, época do maior contato entre os portugueses e os povos asiáticos. Pretende-se apontar também:

- analisar em que medida as palavras de origem portuguesa tornaram-se parte efetiva do malaio/indonésio;
- apontar alguns processos de natureza fonética e semântica que tiveram lugar na acomodação dos vocábulos portugueses à nova língua;
- elencar diferenças no uso desses vocábulos na Malásia e na Indonésia;
- discutir o que a presença dessas palavras de origem portuguesa revela sobre a natureza do contato linguístico entre os portugueses e os povos da região do que hoje são a Malásia e a Indonésia.

O objetivo do trabalho em tela é, portanto, uma atualização e ao mesmo tempo uma complementação das obras que já trataram desse assunto e que foram base indispensável da pesquisa. É importante salientar que o tamanho do artigo não comportaria uma análise aprofundada de todos os pontos expostos acima e que foram tratados mais detalhadamente em minha dissertação de mestrado na Universidade de Frankfurt am Main. No presente trabalho, daremos ênfase principalmente à análise do último ponto: o que o vocabulário português presente ainda hoje no malaio/indonésio nos revela sobre o contato humano e linguístico entre os navegadores e mercadores portugueses e os povos do Sudeste Asiático, que se iniciou no século XVI.

O português e os portugueses no século XVI

Portugal, um pequeno país na periferia da Europa, foi a primeira nação a se lançar ao mar em busca do caminho para a Índia. Com a fundação da célebre Escola de Sagres em 1418, por Dom Henrique, o Navegador, os portugueses deram início à Era das Grandes Navegações. No mesmo ano foi descoberta a Ilha da Madeira; ao final do século XV, quase a metade da costa da África ocidental estava sob influência portuguesa. Em 1498, os navegadores portugueses chegaram à Índia e, em 1500, ao Brasil. Em 1511 conquistaram Malaca, alcançando, assim, o auge de seu poder na Ásia e no mundo. Eles avançaram ainda mais em direção ao oriente, a fim de controlar as cobiçadas ilhas das especiarias. Nesse caminho, os portugueses foram os primeiros a entrar em contato com muitas das populações locais, em ilhas cujos nomes por vezes ainda são os dados por eles: Flores, Célebes (hoje oficialmente Sulawesi) e em outras regiões fora do arquipélago indonésio, como p.ex. Formosa (hoje Taiwan). Contudo, os portugueses não conseguiram manter durante muito tempo seu poderio na Ásia. Outras nações seguiram seus passos e os suplantaram.

Principalmente os holandeses – e posteriormente os ingleses – acabaram por expulsar os portugueses do controle do comércio das especiarias, de modo que, em 1641, com a perda de Malaca para os holandeses, o fim da hegemonia portuguesa na Ásia foi selado. Em 1660, os holandeses conquistaram também Macassar e, em 1856, os portugueses tiveram de abandonar igualmente Larantuka. Ainda no século XX, os portugueses estavam presentes na Índia (Goa, Damao e Diu), no Sudeste Asiático (Timor Leste) e em Macau. Com a devolução de Macau à República Popular da China, a era colonial portuguesa na Ásia chegou definitivamente ao fim (OLIVEIRA 1975, p. 17-43).

A língua portuguesa foi, em todo lugar onde os portugueses aportavam, a primeira língua europeia que os povos da região escutavam. Como diz Schuchardt (*apud* BARTELS, 1995, p. 4), o pioneiro do

estudo das línguas crioulas de base portuguesa, “(...) a história dos descobrimentos e conquistas portuguesas é de modo geral também a história da disseminação da língua portuguesa”.⁵ Há, até hoje, algumas línguas crioulas de base portuguesa que são testemunhas da importância do português como língua franca nas mais diferentes regiões do mundo, como por exemplo o *Papiamentu*,⁶ em Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, Santo Eustáquio e São Martinho no Caribe, ou o *Kristang* em Malaca.

Também no continente africano, e não apenas na costa, falou-se português e ainda existem marcas desse contato (SCHAUMLOEFFEL, 2008, p. 47-60). Segundo Schuchardt (*apud* SCHAUMLOEFFEL, 2014, p. 134-135), que escreveu no final do século XIX, ainda àquela época falava-se português na Alta Guiné, região que corresponde hoje à Libéria, Serra Leoa, Guiné e partes da Costa do Marfim. O português foi muito utilizado como língua de comércio ainda no século XVIII do Caribe até o Extremo Oriente. Portanto, essa “língua de comércio” portuguesa, que foi falada durante alguns séculos pelos mares, é considerada por muitos estudiosos das línguas crioulas como sendo a base do surgimento da maioria dos crioulos – a assim chamada teoria monogenética. Há até mesmo a hipótese de que um crioulo português teria tido uma grande influência na formação do *Afrikaans*. Contudo, o que de fato é comprovado é que a língua de comércio portuguesa foi falada na região da cidade do Cabo até o século XX – em parte ao lado do malaio (BARTENS, 1995, p. 5-7; PONELIS, 1993, p. 16-7).

No Sudeste Asiático, uma pequena comunidade ainda fala o *Kristang*, em Malaca. Em Batavia, atual Jakarta, já não se fala há muito tempo português ou crioulo português, mas, embora os portugueses nunca

5 Tradução livre nossa do original em alemão: „(...) *die Geschichte der portugiesischen Entdeckungen und Eroberungen sei im allgemeinen auch die Geschichte der Ausbreitung der portugiesischen Sprache.*”

6 Os estudiosos da área não estão sempre de acordo sobre a origem do Papiamentu ser de base espanhola ou portuguesa (cf. FREITAS; BANDEIRA; ARAÚJO, 2014; SCHAUMLOEFFEL, 2014).

tenham estado lá, falou-se português nessas regiões pelo menos até o século XVIII , trazido por escravos vindos de outras regiões da Ásia – e não apenas de Malaca –, que caíra nas mãos dos holandeses em 1640 (BAXTER, 1988, p. 6). O crioulo português trazido de Malaca por escravos perdurou até 1978, quando morreu seu último falante (ENSLING, 2008, p. 20).⁷ No caso de Batávia e Tugu, a grande força do crioulo português se deveu à religião cristã, que utilizava o crioulo português, língua da conversão (GROENEBOER, 1998, p. 35-36). Só no século XIX o malaio substituiu totalmente o crioulo português no âmbito religioso. Em 1808 morreu o último padre que pregava em português na comunidade católica de Batávia (SCHUCHARDT, 1890, p. 1-20).

Embora o português ainda tenha sobrevivido como língua de comércio após o século XVII na Ásia e tenha sido falado por europeus e locais (cf. YULE; BURNELL; CROOKE, 1995, p. xviii-xix) e, embora os portugueses tenham permanecido em Macau, na Índia e no Timor Leste até o final do século XX, é plausível supor-se que a esmagadora maioria das palavras portuguesas tenham entrado para as línguas asiáticas nos séculos XVI e XVII. Isso vale também para a fase constitutiva da maioria das línguas crioulas (e não só das de base portuguesa). Por esse motivo, dedicamos, nesta pesquisa, um especial olhar à pronúncia do português da época. Cabe ainda ressaltar que os empréstimos considerados como sendo de origem portuguesa nas línguas asiáticas nem sempre são originalmente portugueses. Muitos deles foram tomados de empréstimo de outras línguas e difundidos pelos portugueses (CARDOSO, 2016, p. 71-77). O português que foi levado mundo afora pelos portugueses era uma língua que passava por grandes mudanças. Os estudiosos da história do português não estão sempre de acordo quanto ao momento exato em que o português clássico se inicia. Parece, no entanto, haver um relativo

7 Disponível em: <http://ipk.lipi.go.id/index.php/kolom-peneliti/kolom-kemasyarakatan-dan-kebudayaan/417-punahnya-bahasa-kreol-portugis>. Acesso em: 25 de março de 2021...

consenso quanto a ser a metade do século XVI a fase de transição entre o português antigo e o português clássico – uma fase, portanto, na qual haveria ainda características tanto do português antigo quanto do português clássico (CÂMARA JR, 1979).

Tal fato se reflete visivelmente nos textos do século XVI: enquanto o século XV apresentava uma escrita relativamente fonética, o século XVI se caracteriza por um caos ortográfico. Ortografias etimologizantes coabitam com hesitações ortográficas causadas pelas mudanças linguísticas: muitos sons do português desapareceram ou se fundiram com outros nesse período, o que causou muita insegurança nos falantes que sabiam escrever (SPINA, 1987, p. 8-13). No século XVI foi escrita também a obra mais importante da língua portuguesa: *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Um livro que louva as gloriosas descobertas portuguesas e que já apresenta primeiros empréstimos vocabulares asiáticos – uma vez que o contato linguístico nunca é de mão única. Na mesma época, as obras de Gil Vicente nos presentiam com um *corpus* da língua falada pelo povo, bem como as primeiras tentativas de representar o português falado pelos negros (TEYSSIER, 1959, p. 227-250). Naquele século, são lançadas também as primeiras gramáticas da língua portuguesa, de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), as quais representam um testemunho precioso do estado da língua daquela época (SPINA, 1987, p. 15-22).

O fato de que o português do século XVI era uma língua em ebulição é de grande importância quando se faz uma pesquisa acerca das palavras que as mais diferentes línguas do mundo pegaram do português. A pronúncia atual do português (europeu, principalmente) afastou-se muito da pronúncia clássica, como era utilizada por Camões em seus versos, de modo que a métrica não funciona mais quando um português lê sua lírica – o que já havia constatado Gonçalves Vianna no final do século XIX (VIANNA, 1892, p. 90). A pronúncia moderna do português brasileiro, por outro lado, corresponde, em muitos pontos, à clássica pronúncia e pode

ser, por isso, útil à pesquisa. A origem portuguesa de alguns vocábulos poderia dificilmente ser confirmada se fosse levada em consideração apenas a pronúncia hodierna do português europeu. Algumas mudanças de sons encontradas em alguns empréstimos portugueses no malaio podem ser mais bem compreendidas se a pronúncia brasileira – mas também as formas encontradas nas línguas crioulas de base portuguesa e no português do século XVI – for consultada.

Na elaboração de seu trabalho, os responsáveis pelo *Indonesian Etymological Project* levaram em consideração a pronúncia do português clássico segundo as informações sobre a pronúncia do português que se encontra na parte onde são discutidos os empréstimos portugueses.⁸ No entanto, não era seu objetivo explícito analisar as mudanças e adaptações sonoras dos empréstimos ao sistema fonético-fonológico do malaio/indonésio. Santa Maria (1967) já havia mencionado que Gonçalves Vianna, que foi um dos primeiros foneticistas portugueses e havia estudado o contato linguístico entre português e malaio, dizia que as diferenças entre a pronúncia dos séculos XVI e XIX não seriam tão grandes (SANTA MARIA, 1967, p. 89-90). No entanto, Vianna (1892, p. 90) mesmo concordava que a pronúncia de seus compatriotas no final do século XIX não permitia a leitura dos versos de Camões com a métrica imaginada pelo autor. Logo, podemos concluir que havia sim diferenças relevantes entre as pronúncias. Por esse motivo, recorreremos aos estudos existentes sobre a pronúncia do português do século XVI sempre que se fez necessário para esclarecer questões etimológicas dos empréstimos portugueses no malaio/indonésio.

O corpus 1: as listas

8 cf. Informações sobre a pronúncia do português em GRIJNS; de VRIES; SANTA MARIA (1983, p. xv-xvii).

Duas obras serviram de base para a presente pesquisa: o livro *I Prestiti Portoghesi nel Malese-Indonesiano* (doravante *I Prestiti*), lançado por Luigi Santa Maria em 1967, e o 5º volume do *Indonesian Etymological Projects*, intitulado *European Loan-words in Indonesian*, (GRIJNS, VRIES, SANTA MARIA (1983), doravante *Loan-words*), o qual foi publicado em 1983 e do qual Santa Maria também participou e foi o responsável pela parte dos empréstimos do português. Em *I Prestiti*, Santa Maria (1967) analisa 312 palavras que ele reconhece como sendo de origem portuguesa, bem como outras 95, cuja origem portuguesa ele refuta. O autor discorre em duas páginas (SANTA MARIA, 1967, p. 90-91) acerca das adaptações fonéticas sofridas pelos vocábulos portugueses ao serem introduzidos no léxico malaio. O pesquisador se refere à pronúncia do português no século XIX sem realmente levá-las em consideração ao analisar os fenômenos que tiveram lugar na adaptação das palavras portuguesas ao sistema fonético-fonológico da nova língua (SANTA MARIA, 1967, p. 90). Santa Maria descreve a monotonguização de [ei] para [e] (p.ex. em *mentega* – Ptg. “manteiga”) sem mencionar que esse fenômeno é muito comum no português brasileiro e que há comprovação de sua presença no português do século XVI (NOLL, 1999, p. 37). Esse e outros fenômenos serão analisados mais pormenorizadamente mais adiante.

Grijns, Vries e Santa Maria (1983) no 5º volume do *Indonesian Etymological Projects* contém uma lista de 327 palavras de origem portuguesa no malaio/indonésio, i.e. 15 a mais do que em Santa Maria (1967). A rigor, trata-se de 27 novas palavras que foram acrescentadas, pois 12 palavras que se encontravam na lista de Santa Maria (1967) não se encontram mais na lista de 1983: *alperes*, *alkonya*, *kabaya*, *kertus*, *lanca*, *lancang*, *morisco*, *pitis(picis)*, *semola*, *sepen*, *setomi* e *rua*. Tal fato causa estranheza, pois *alperes*, *alkonya*, *kertus* e *rua* são claramente de origem portuguesa e estão contidos nos dicionários pesquisados. No caso de *setomi*, que tem um sentido bastante restrito (nome de um canhão na

cidade indonésia de Banten) e cuja etimologia é questionável, pode-se entender a exclusão do vocábulo. Também pode-se entender que se tenha excluído *semola*, que, segundo Santa Maria (1967), só seria usada pelos cristãos nas ilhas Molucas e já teria caído em desuso – e o mesmo valeria para o adjetivo *morisco*. No caso de *kabaya*, a etimologia portuguesa é contestável (cf. YULE; BURNELL; CROOKE, 1995, p. 137), apesar de ser encontrada com certa frequência em autores portugueses do século XVI – até mesmo em Camões (cf. ALVES, 1994, p. 90).

A origem holandesa de *sepen* parece ter sido confirmada entre a publicação de *I Prestiti* e o lançamento do projeto *Loan-words* (mal./ind. *sepen* < hol. *spen*, *dispens*). Não fica claro o motivo da exclusão de *pitis*, *picis*, cuja etimologia portuguesa fora confirmada em Santa Maria (1967) – sua explicação (do port. espécies) parecia plausível. A etimologia do substantivo *lancang* foi alvo de muitas controvérsias, sobre as quais não nos deteremos no presente trabalho, mas sua origem portuguesa parece ter sido definitivamente descartada (cf. COROMINAS; PASCUAL, 1980, p. 573f). Aparentemente trata-se de uma palavra malaia que o português teria trazido para a Europa (MACHADO, 1959, p. 1296; THOMAS, 1988, p. 252-256). Tais controvérsias sobre as etimologias exemplificam, de forma bastante clara, a complexidade dos contatos linguísticos da época das Grandes Navegações: além das célebres especiarias, também circularam conceitos e seus significantes.

Os demais lexemas que não constavam de *I Prestiti* e que foram incluídos no *Loan-words* também possuem etimologias controversas. Por exemplo, no caso de *dansa*, *kamsol*, *harpa* e *pribadi*, Grijns, Vries e Santa Maria (1983) não afirmam com certeza qual seria a origem e os associam tanto ao português quanto ao holandês, mas seguidos de um ponto de interrogação. Outros vocábulos são marcados como obsoletos ou náuticos: *alpayate*, *aria*, *kelepat*, *kontento*, *kuarsa*, *mestari*, *predio*, *porga*, *seguro*, *talyamar*, *tentar* e *torto*. Os demais não têm marcação especial e

foram provavelmente incluídos por conta de novos estudos: *buyung, kama, kara, kaldera, kornel, kosta, kutang, markisah, panau, perlente e toka*. O número de palavras (327) não condiz, porém, com a lista do anexo do volume – falta, p.ex., *gudang*, bem como *misa e donia*.

O objetivo do *Etymological Indonesian Projects* ao publicar o 5º volume não era ser uma pesquisa exaustiva das palavras de origem europeia no malaio/indonésio. Por essa razão, as informações sobre pronúncia e adaptações fonetico-fonológicas dos empréstimos não são muito aprofundadas. Discute-se um pouco melhor a semântica, mas também não se trata de um estudo em profundidade.

As palavras contidas no 5º volume do *Etymological Indonesian Project* formaram, como já dito anteriormente, o *corpus* deste estudo. No entanto, foram consideradas ainda as seguintes palavras que estavam presentes no livro de Santa Maria (1967): *alkonya, alperes, kebaya, kertus, mourisco, pitis, rua, semola e setomi*. Foram definitivamente excluídos os vocábulos: *lanca, lancang e sepen*, pois suas etimologias não portuguesas parecem ter sido confirmadas. Temos, então, um *corpus* de 340 palavras.

O corpus 2: os dicionários bilíngues do malaio/indonésio

A fim de atualizar o inventário dos empréstimos de origem portuguesa no malaio/indonésio no final do século XX, foram consultados os dois dicionários mais importantes das duas variedades *standard* do idioma: para a Malásia, analisou-se a terceira edição do *Kamus Dewan*, de 1995, publicada em conjunto pelo Ministério da Educação da Malásia e pelo *Dewan Bahasa dan Pustaka*, e a segunda edição do *Kamus Besar Bahasa Indonesia*, de 1993, a qual foi editada pelo *Balai Pustaka*⁹ e pelo

9 O *Dewan Bahasa dan Pustaka* e o *Balai Pustaka* são instituições que cuidam da normatização e atualização da língua malaia/indonésia respectivamente.

Ministério da Cultura e da Educação da Indonésia, para o uso na Indonésia. Ambos os dicionários trazem informações etimológicas, ainda que não se entendam como dicionários etimológicos – o que fica claro em seus prefácios.¹⁰

No dicionário indonésio *Kamus Besar Bahasa Indonesia*, o português não aparece na lista de línguas das quais vieram palavras para o indonésio, já no dicionário malaio *Kamus Dewan* aparece a indicação *Portugis*. O fato de as palavras de origem portuguesa não serem identificadas no caso do dicionário indonésio seria um indício de que esses vocábulos não são mais sentidos como “estrangeiros” – ou havia um motivo político para tal?¹¹ Ambos os dicionários contêm regionalismos e tentam levar em consideração o *standard* nacional do país (*Kamus Dewan*, 1995, p. xxxv). O dicionário indonésio louva inclusive a unidade do idioma, sem deixar de lado as especificidades da variedade nacional, como já havia sido afirmado em 1954, na cidade de Medan, no 2º Congresso da Língua Indonésia (KAMUS BESAR, 1993, p. xxv-xxvi). Assim, pode-se afirmar que ambos os dicionários formam, juntos, um *corpus* pertinente para a pesquisa em tela.¹²

Resultados da pesquisa

1. *Palavras portuguesas não mais utilizadas no malaio/indonésio do final do século XX*

Após uma pesquisa acurada nos dois dicionários citados acima,

10 Cf. *Kamus Dewan* (1995 : xxxix) e *Kamus Besar Bahasa Indonesia* (1993 : xxvi).

11 Não é um segredo que, desde a invasão de Timor Leste, em 1975, até a independência do país, em 2002, as relações com Portugal na região eram bastante tensas.

12 Ambos os dicionários possuem atualmente versões *online* que foram consultados para atualizar o presente trabalho: <https://kbbi.web.id/> e <https://prpm.dbp.gov.my/>. Acesso em: 25 de março de 2021.

muitos lexemas não mais se encontravam presentes nas obras citadas. Podemos concluir, então, que também não estavam mais no uso do idioma malaio/indonésio – alguns dos termos desaparecidos já haviam sido marcados anteriormente como obsoletos, regionais ou pertencentes à linguagem náutica. Trata-se de 131 palavras. Citamos algumas abaixo, a título de ilustração, listando sua classificação ao lado:¹³

1.	alpayate	obsoleto
2.	arkus < arcos	regional Manado
3.	berasan < braço, bracear	náutico
4.	botapora < bota-fora	obsoleto
5.	dama < dama	regional Indonésia Oriental
6.	dine < dinheiro	obsoleto
7.	fageti < foguete	regional Ambon
8.	fardu < fardo	obsoleto
9.	farinya < farinha	obsoleto
10.	fastiu (pastiu) < fastio	reg. Indonésia Oriental
11.	gawai < gávea	náutico
12.	injeolar < ajoelhar	obsoleto
13.	kapado < capado	obsoleto
14.	lisensa < licença	regional Indonésia Oriental
15.	martelu < martelo	regional Indonésia Oriental
16.	panoso < fanhoso	regional Manado
17.	paresku < fresco	regional Manado
18.	pragata < fragata	náutico
19.	selobar < salobre, -a, -o	reg. Ambon, Manado
20.	semolah < esmola	obsoleto

¹³ Não entraremos na discussão acerca do sentido atual das palavras em malaio/indonésio no presente trabalho, ainda que difiram, por vezes, consideravelmente do étimo português, pois esse tema será tratado em outra publicação.

A maior parte dos vocábulos que não foram encontrados em nenhum dos dois dicionários era de palavras que só eram (ou ainda são?) utilizadas em algumas regiões da atual Indonésia: Indonésia Oriental, as ilhas Molucas, Timor e Manado.

A distribuição geográfica desses regionalismos corresponde exatamente à área de maior presença portuguesa na região. Principalmente nas ilhas Molucas e na Indonésia Oriental, os portugueses estiveram presentes muito cedo, antes de qualquer outro europeu, e conseguiram deixar sua influência nas línguas faladas pelos habitantes da região – e essa influência se estendeu ao malaio, o *pasar melayu*, a língua franca mais importante da região, que é a base do moderno malaio/indonésio. Não pôde ser comprovado se essas palavras que não mais constam dos dicionários do malaio/indonésio continuam sendo usadas regionalmente ou se sua ausência na língua *standard* são uma prova de que a norma culta do malaio/indonésio se orienta cada vez mais pelos dialetos ocidentais – regionalismos de Jakarta ou de Kuala Lumpur, as respectivas capitais, são mais aceitos hoje em dia do que palavras de ilhas distantes e periféricas, como sói acontecer em quase todas os países.

Uma palavra como *moler*, do português *mulher*, que foi transformado no dialeto malaio de Jakarta em “prostituta” não aparecia mais – do ponto de vista indonésio – como regionalismo: não havia qualquer indicação sobre se tratar de um regionalismo. Já no *Kamus Dewan*, da Malásia, a palavra também aparece – como uma concessão à *Bahasa Indonesia* –, mas é marcada como regional, “de Jakarta”.

2. *Palavras não encontradas em um ou em ambos os dicionários consultados*

A seguir passaremos a listar e a discutir os casos de alguns vocábulos de origem portuguesa que não estão mais presentes em um dos dois

dicionários que serviram de *corpus* para o presente estudo.

2.1. *Palavras não contidas no Kamus Besar*

Alkonya, benian ou banian(g), bomba, donia, kumi, mesteri, (buah) nona e terangkera. Com exceção de mesteri e benian todos os demais estão marcados como Portugis no Kamus Dewan. No caso de donia, trata-se de uma etimologia controversa. Na verdade, deveria tratar-se de um empréstimo espanhol. O [i] indicaria um étimo do espanhol doña, e não da forma portuguesa dona. A forma portuguesa nona (de dona) está presente em todo o território de fala malaia.

2.2. *Palavras não contidas no Kamus Dewan*

Arku, bolu, harpa, kaparinyo, kaldera, kobra, lambe, mandil, remedi, saya(k), tela.

Harpa é tratada no projeto *Loan-words* como sendo "Dutch" ou "Portuguese". Contudo, a partir de uma análise mais próxima, é possível crer que provavelmente se t (hol. *harp*). O português harpa [arpa] explicaria a vogal final – porém, a prótese do [h] é improvável. No entanto, é comprovado que o malaio acrescentou [h] a sílabas finais de algumas palavras portuguesas, e há inclusive em alguns casos formas aceitas, com e sem [h]: *Paska(h)* (< port. Páscoa) e *Eropa(h)* (<port. Europa). A palavra *Kaparinyo* (< por. cafrinho, de cafre, empréstimo árabe, com o sentido de *negro*), uma dança, é um regionalismo da ilha indonésia de Ambon e é por isso provavelmente que não consta do dicionário editado na Malásia. *Lambe* consta do *Kamus Besar* como sendo regional, de Timor, com o sentido de “lábios” e viria do imperativo do verbo *lamber*, segundo Santa Maria (1967).

3. *Palavras com marcações especiais*

Nos dicionários estudados, há algumas palavras de origem portuguesa que são marcadas como † (quase não mais utilizada) ou PORTUGIS (português) no dicionário *Kamus Dewan* e ARKAIK (arcaico) ou KLASIK (usado na literatura clássica) no dicionário *Kamus Besar*.

No total, 52 palavras têm uma das marcações acima. O motivo de termos colocado as palavras marcadas como †, arcaico, clássico e português em um mesmo grupo foi o fato de essas palavras ou não serem, de acordo com os dicionários, mais tão utilizadas na língua ou serem percebidas como estrangeiras, mesmo já tendo passado tanto tempos. Citamos alguns exemplos a título de ilustração:

		<i>Kamus Dewan</i>	<i>Kamus Besar</i>
1.	alperes ou alferes ¹⁴	Portugis	arkaik
2.	alabangka	Portugis	
3.	algojo	Portugis	
4.	alkatipa	†	
5.	alkonya	Portugis	
6.	alpeniti	Portugis	
7.	boseta	Portugis, †	arkaik
8.	kadera	†	arkaik
9.	kapitan	†	arkaik
10.	kebaya, kebayak	†	
11.	marinyo		klasik

¹⁴ A palavra alferes entrou para o malaio-indonésio com dois significados. Essa marcação como sendo arcaica ou portuguesa, refere-se ao seu uso original, de patente militar.

12.	paung	Portugis, †	
13.	pelangkin		arkaik
14.	pesiar	†	
15.	petor, feter	Portugis	klasik
16.	rua	†	
17.	tulu tolo	†	arkaik

No caso da palavra *algojo*, a pronúncia moderna do português [al'goʃ] ou [al'gos], com o ensurdecimento da consoante sonora final, não explicaria a forma com [dj] em malaio. A forma com o ensurdecimento da consoante final [z] em [s] ou [š] teria levado a formas **algoco*, **algoca* com uma fricativa [tš]. A grafia {z} deveria ter ainda no século XVI no português a já comprovada pronúncia [dz] para o português arcaico (PAIVA, 1988, p. 33). O momento exato em que as africadas medievais [dz], [ts], [tš] perderam o elemento oclusivo não pode ser atestada com certeza absoluta. No entanto, acredita-se que essa pronúncia africada dos grafemas {z}, {ç} e {ch} ainda coexistiu pelo menos até a metade do século XVI com as novas pronúncias: [dz]>[z]; [ts]>[s] e [tš]>[š]. Trata-se da assim chamada fase pseudo-etimológica, na qual a mudança linguística afastou por um lado a escrita da fala, mas por outro lado a valorização da antiguidade clássica levou a grafias latinizantes – o que, em parte, explica confusões na ortografia do português até nossos dias (WANKE, 1987, p. 20).

Interessante também é notar que algumas palavras possuem duas ou mais formas: indonésio (doravante ind.) *marinyo* ou *marinyu*, malaio (doravante mal.) *merinyu*; ind. *gurnadur*; mal. *gurnador*; e ind. *terungku*, mal. *terongko*. As formas distintas podem ser explicadas tanto pela redução vocálica em sílabas átonas, que já podia ser detectada no português do século XVI, quanto pela alternância entre o/u e e/a em alguns dialetos malaios (*ubat/obat*; *tentera/tentara*).

4. *Palavras que estão nos dois dicionários sem marcação especial*

Do total de palavras do *corpus* encontradas nos dicionários pesquisados, 138 aparecem sem nenhum tipo de marcação, o que permite a conclusão de que são palavras já integradas ao léxico do malaio/indonésio:

- | | | |
|-----|---|-------------------------------|
| 1. | Alperes ou alferes (~ jawa; ~ batu) ¹⁵ | < alferes |
| 2. | Almari ou lemari ¹⁶ | < armário |
| 3. | altar | < altar |
| 4. | amah | < ama |
| 5. | andur | < andor |
| 6. | antero | < inteiro |
| 7. | aris | < rizes |
| 8. | armada | < armada |
| 9. | aruda | < arruda |
| 10. | as ou aci | < axe, eixo (?) ¹⁷ |
| 11. | ayah | < aia |
| 12. | baldi ou beledi | < balde |
| 13. | baldu ou beledu (belederu) | < veludo |

As formas com b inicial podem indicar uma adaptação do [v] inicial do português ao sistema fonético-fonológico do malaio, que não conhecia esse som, ou uma forma falada com b no português do século XVI.

15 Trata-se aqui de um peixe que recebeu a denominação de

16 A forma “almario” em português é atestada para o século XV (CUNHA, 1966, p. 68).

17 Esse último termo pode ser de uma forma portuguesa “axe”, latinizante e atestada para o século XVI, encontrada p.ex. em Camões (ALVES, 1994, p. 27f).

14.	bangku	< banco
15.	basi	< bacio
16.	Belanda	< Holanda
17.	bendera	< bandeira
18.	beranda	< varanda
19.	bidal ou dedal, lidal	< dedal
20.	biola	< viola
21.	bola	< bola
22.	boneka	< boneca
23.	boya	< bóia
24.	butang	< botão
25.	buyung	< boião
26.	capiau ou cepiau	< chapéu
27.	cenela	< chinela
28.	cita	< chita
29.	dadu	< dado
30.	dansa	< dança

Segundo Dalgado (1988), todas as palavras acima (de *bangku* até *dansa*) teriam entrado em outras línguas indianas, o que comprova a força de penetração e o grau do contato linguístico entre os portugueses e os povos asiáticos no início da era das Grandes Navegações. Santa Maria (1967) hesitou ainda em afirmar que a origem de *dansa* era portuguesa, pois cria que poderia ser também de origem holandesa, o que se repete no *Loan-words*, onde aparece como “provavelmente holandês ou português”. O argumento de Santa Maria, contudo, de que os portugueses não teriam introduzido a música e a dança europeias na Ásia é inaceitável, quando se sabe que palavras como *biola* (< port. viola) e *kaparinyo* (uma dança, do port. kafrinho) são de origem portuguesa, por ter sido grande a influência cultural por conta de de uma grande miscigenação com as

populações locais: a tradicional música *Kroncong*, de Jakarta, e a dança *Lenso*, nas ilhas Molucas, são comprovadamente de influência portuguesa e representam bons exemplos disso (KORNHAUSER, 1976).

31.	Eropa(h)	< Europa
32.	Flores	< Flores (nome de uma ilha)
33.	gagu	< gago
34.	galias	< galeança
35.	gancu	< gancho
36.	gardu	< guarda
37.	garpu	< garfo
38.	gelojoh	< guloso
39.	gereja	< igreja
40.	gudang	< gudão
41.	Ingg(e)ris ¹⁸	< inglês
42.	jendela , jenela	< janela
43.	jogar	< jogar
44.	kasi	< caixa (<i>cash</i>)
45.	kaldu	< caldo
46.	kartu	< carta
47.	kemeja	< camisa
48.	karpus ou kerpus	< carapuça
49.	kasta	< casta
50.	keju	< queijo
51.	kalpat ou kelepat	< calafetar
52.	kerabu	< cravo
53.	kereta	< carreta

18 A forma “ingrês” é atestada para o século XVI, mesmo Camões a usou (cf. CUNHA, 1966).

54.	kertus	< cartucho
55.	ketela	< castela
56.	kobak	< cova
57.	kornel	< coronel
58.	kuarza	< quartzo
59.	kubis	< couves
60.	kuilu	< coelho
61.	kutang	< algodão
62.	legojo	< algoz
63.	lelang ou lelong	< leilão
64.	lenso	< lenço
65.	lentera	< lanterna
66.	mama	< mamãe
67.	mandur ou mandor	< mandador
68.	markisa(h)	< maracujá
69.	martir	< mártir
70.	meja	< mesa
71.	mentega	< manteiga
72.	meski	< mais que

É interessante notar o empréstimo de uma conjunção (*meski* significa em malaio/indonésio “mesmo que”). Trata-se, a nosso ver, uma prova de que o contato entre os portugueses e os povos da região não se limitou a um *baby talk* voltado unicamente para o comércio. Além disso, deve ter sido uma conjunção cuja frequência era bastante alta no século XVI, já que ocorre também no Papiamento e no Afrikaans, duas línguas que têm base ou pelo menos forte influência portuguesa (BARTENS, 1995, p. 140). A conjunção portuguesa atual consiste de três elementos: (*por*) *mais que*. No entanto, a forma *mais que* pode ser encontrada em Camões (CUNHA, 1966, p. LI).

73.	minggu	< domingo
74.	misa	< missa
75.	moler	< mulher
76.	nanas	< ananás
77.	(Hari) Natal	< Natal
78.	nona	< dona
79.	ordi ou rodi	< ordem
80.	pad(e)ri	< padre
81.	palk ou peraka	< falca
82.	palsu	< falso
83.	Pantekosta	< Pentecostes
84.	panu ou panau	< pano
85.	papa	< papai
86.	pepaya	< papaia
87.	Paska(h)	< Páscoa
88.	pastel	< pastel
89.	pelor ou peluru	< pelouro
90.	pena	< pena
91.	peniti	< alfinete
92.	P(e)rancis	< francês

Como em algumas denominações para povos europeus, o termo ainda hoje utilizado no malaio/indonésio para se referir aos franceses e à França é *Perancis*, do português “francês”. A forma *Perancis* apresenta um fenômeno comum aos empréstimos de palavras europeias nas línguas asiáticas que não possuem o som, comum nas línguas europeias, [f]. No entanto, o som representado pela letra c em malaio/indonésio é a africada surda [tʃ]. Não haveria motivo para essa mudança, caso a pronúncia de “francês” no século XVI fosse como a atual, isso é, com uma fricativa

surda [s], pois esse som não era estranho ao malaio. A explicação da passagem do port. [s] para o malaio [tʃ] não seria lógica. A explicação está provavelmente no fato de que a combinação de sons [ki] e [ti] do latim se desenvolveu para se tornar [tsi] em espanhol e francês (DAUZAT, 1948, p. 39) e em português – com posterior perda do elemento plosivo inicial (WIREBACK, 1977, p. 16).

Esses neofonemas, como são chamadas por Serafim da Silva Neto as africadas, foram escritos a partir do século XIII em português, com convenções vindas da França (ç, ch) (NETO, 1952, p. 411). Ora, a denominação para o país já levava ç, sendo a pronúncia [frã'tsa]. O francês era, portanto, [frã'tses]. É muito possível, então, que a pronúncia [frã'ses] ainda existisse no século XVI e tenha motivado a mudança [ts] > [tʃ] na passagem do português para o malaio.¹⁹

93.	peranggang	< frangão ²⁰
94.	peribadi ou pribadi	< privado
95.	perlente	< parlenda
96.	persero ou pesero	< parceiro
97.	perum	< prumo
98.	pesta	< festa

Um dos empréstimos portugueses de maior vitalidade no malaio/indonésio atual é também um bom exemplo do tipo de contato linguístico que teve lugar entre os portugueses e os povos do Sudeste Asiático insular: *pesta* (> port. “festa”). O vocábulo está bem integrado e tem derivados,

19 Posteriormente, a letra {ç} passou a só ser usada diante de {a,o,u} – daí a grafia atual *francês*. Além disso, a antiga africada já não mais existia em português. Há de se notar também, que o basco, uma língua sem nenhum parentesco com as línguas românicas, mas com longa história de contato com elas, tem a forma *Frantzia* para “França”, com a antiga africada.

20 Ainda que pareça à primeira vista reconhecer, *peranggang* vem de frangão, seguindo os seguintes passos de adaptação ao sistema fonético-fonológico do malaio/indonésio: substituição do f por p; epêntese de e para evitar o cluster pr; adaptação do ditongo nasal ão para o ang.

como os verbos *berpesta-pesta* e *memestakan*²¹, ambos com o significado de festejar.

99.	picu	< fecho
100.	pipa	< pipa
101.	pita	< fita
102.	picis, pitis, pitih	< espécies

No caso de *picis*, *pitis*, *pitih* também pode-se supor um étimo [espe‘tsies], já que as formas *espeçial* e *espeçiarria* podem ser encontradas na literatura do século XVI. Isso explicaria as formas em malaio/indonésio com [tʃ] e [t].

103.	Portugal	< Portugal
104.	Portugis	< português
105.	real ou rial	< real
106.	renda	< renda
107.	roda	< roda
108.	ronda	< ronda
109.	rosario	< rosario
110.	rumbu	< rum(b)o

A palavra *rumbu*, que é no português um empréstimo do espanhol, deve ter tido, à época, ainda a forma com b, que não mais existe, seguindo a tendência de assimilação da plosiva pela nasal precedente – como no caso de “também”, que hoje em dia é pronunciada “tamém”. No malaio/indonésio, a palavra adquiriu a ideia de “andar sem rumo”. Trata-se de

21 Pesta está tão integrado que segue a regra de formação de verbos: com a adição do prefixo me, que forma verbos transitivos diretos e que toma a forma mem diante de radicais iniciados por p, temos pesta> mestakan.

uma palavra do vocabulário náutico, por isso não é de se estranhar que tenha chegado à Ásia.

111.	sabun	< sabão
112.	saku	< saco
113.	sanggerah	< sangrar
114.	santa	< santa
115.	santo ou santu	< santo
116.	seka(h)	< seca(r)

É interessante ver que até vocábulos como *seka(h)* foram assimilados pelos malaios. Isso demonstra quão intenso, apesar de relativamente curto, foi o contato linguístico entre os portugueses e os povos do Sudeste Asiático insular, pois não seria de se esperar que os malaios não tivessem uma palavra para “secar”. O vocábulo *seka* em malaio/indonésio sofreu uma expansão semântica e tem hoje o sentido de “limpar-se, secar-se (a si mesmo)”.

117.	sekolah	< escola
118.	selada	< salada
119.	S(e)panyol	< espanhol
120.	sepatu	< sapato

Na Malásia existe a forma arcaica *cepatu*. A palavra sapato em português, como aquela em espanhol (*zapato*), é de origem obscura; a grafia *çapato* é encontrada no século XVI, e indica uma pronúncia com uma africada - como já foi explicado no caso de *Perancis* mais acima - o que explicaria a forma malaia *cepatu* [tʃe'patu],

121.	serdadu	< soldado
122.	setori	< estória
123.	sinyo	< senhor
124.	Sulawesi	< Célebres
125.	tambur	< tambor
126.	tangki	< tanque
127.	tanji	< tanger
128.	tanjidur ou tanjidor	< tangedor

As duas últimas palavras acima não têm a ver, como poderiam pensar os falantes modernos do português, com o pastoreio, mas sim com música. Trata-se de mais uma prova do intenso contato humano e linguístico entre os povos da Ásia com os portugueses – não apenas se fazia comércio, mas também música.

129.	teledor	< traidor
130.	tembakau	< tabaco
131.	tempoh ou tempo	< tempo
132.	tenda	< tenda
133.	terigu	< trigo
134.	terwelu	< coelho
135.	tinta	< tinta
136.	tiras	< tiras
137.	tolol	< tolo
138.	tuala	< toalha

Algumas possíveis contribuições ao estudo dos empréstimos do português no malaio/indonésio atual

Após a análise dos dois dicionários que serviram de *corpus* para o presente trabalho, gostaríamos de levantar a discussão sobre alguns lexemas que podem ser também de origem portuguesa, mas que, até o momento da pesquisa, não foram levados em consideração. Os critérios foram a congruência semântica e a forma que seria justificável por um étimo português.

Bandering – pedras amarradas na ponta de um fio, que são lançadas e enganchadas na linha da pipa etc. A palavra pode ter relação com *banderinha* (bandeira pequena, mas também tem o sentido de tiras de papel que são penduradas em pipas como ornamento), uma vez que *bandering*, típica de Jakarta, onde sabidamente se falou uma forma de português até entrado o século XIX, acompanharia a palavra *arku* (armação de pipa). A terminação derivada do diminutivo português -inho (em mal./ind. -*ing*) é comum em vários pidgins e crioulos (cf. Tok Pisin *pikinin* (pouco) e Afrikaans *piekenien* (menininho negro)).

Bandu – amigos, parentes. A palavra portuguesa *bando* também pode ter a acepção de amigos, grupo; o fato de ser uma palavra que aparece nos dicionários como sendo usado na literatura clássica poderia indicar uma origem portuguesa.

Capelin – chapéu pontudo de bambu. Essa palavra é provavelmente uma forma de *cepiáu* (chapéu), um empréstimo do português que também possui as formas *cepeu* e *sapeo* (cf. SANTA MARIA, 1967, p. 89). O vocábulo “chapéu” é um empréstimo do francês antigo *chapel* (hoje *chapeau*). O português, como o francês, vocalizou o <|> final – mas não sem antes formar palavras a partir da forma original (cf. port. *chapeleiro* e *chapelaria*). Também a forma diminutiva *chapelinho*>*chapelin* ainda existe, mesmo que a forma mais usada seja *chapeuzinho*.

Istimewa – especial. A palavra *istima* (boa opinião) foi reconhecida como empréstimo do português. Essa forma, que tem relação semântica clara com *estimável*, porém, só foi tratado como tal, até onde sei, por

Oliveira (1975, p. 139).

Kapa – teto e paredes de barco temporários para a retenção de ondas. É possivelmente oriundo do port. *capa*.

Mutu – mudo. A semelhança entre o vocábulo malaio-indonésio e o português é bastante grande, mas não é muito fácil explicar a razão do ensurdecimento do <d>. É interessante notar que a palavra *gagu*, de gago, é um empréstimo comprovado de origem portuguesa no malaio/indonésio, mas significa mudo na nova língua.

Ninabobo(k) – canção de ninar, cantada em “*Portugis Patois*” ainda no século XIX, segundo Kartomi (1966, p. 27). Provavelmente do verbo *ninar* em português. Não seria de se estranhar, já que a palavra *aia* também foi tomada de empréstimo do português e trata-se de uma canção do estilo de música *Kroncong*, já citado acima, de influência portuguesa. Os dicionários malásio e indonésio mantêm a palavra com o sentido de “canção de ninar; cantar uma canção de ninar”.

Noda – mancha, nódoa. Provavelmente oriunda do port. *nódoa*, do lat. *notula*. A forma “*noda*”, monotonguizada, é atestada para o século XV e foi usada por Camões (NETO, 1952, p. 505). Parece corroborada essa suspeita quando se sabe que a expressão “*Santa Maria tidak bernoda*” (“*Santa Maria... sem mancha*”) é a correspondente em malaio para a forma cristã “*imaculada*”, referindo-se a Nossa Senhora.

Considerações finais

A partir do que foi exposto e discutido no corpo do presente trabalho, pode-se traçar um pequeno retrato do que foi o contato humano e linguístico entre os portugueses que chegaram ao território que é hoje a Indonésia e a Malásia. Nota-se que o vocabulário que foi incorporado ao malaio e permaneceu posteriormente nas duas variedades nacionais, *Bahasa Melayu* e *Bahasa Indonesia*, não se restringiu, como se poderia

pensar, a artigos de comércio, mas englobou alimentos novos, como *keju*, *mentega* e *terigu* (queijo, manteiga e trigo); objetos desconhecidos dos povos da região, como *sepatu*, *meja* e *tambur* (sapato, mesa e tambor); instituições e locais novos, como *gereja* e *sekolah* (igreja e escola); vocabulário ligado à técnica ou à náutica, como *rumbu* e *perum* (rum(b) o, prumo); denominações de povos e locais, como *Eropah*, *Inggeris*, *Sepanyol*, *Flores* e *Sulawesi* (Europa, inglês, espanhol, Flores e Célebes); vocabulário relacionado à fé cristã, como *rosario*, *gereja*, *paderi* e *Natal* (rosário, igreja, padre e Natal); além do vocabulário ligado claramente ao comércio, como *lelang*, *palsu* e *parsero* (leilão, falso e parceiro).

Todos esses vocábulos são facilmente explicáveis, mas palavras de áreas como música e comemorações, como *pesta*, *dansa* e *tanjidur* (festa, dança e tangedor) e alguns adjetivos e verbos como *sekah*, *ninabobok* e *sanggerah* (secar, canção de ninar e sangrar) deixam entrever que o contato humano e linguístico entre os lusitanos e alguns povos do Sudeste Asiático foi bastante intenso e não se deveu apenas ao comércio e ao esforço de conversão dos nativos ao cristianismo, mas também à integração de portugueses às populações locais, o que deu origem a várias línguas crioulas, como o de Tugu e de Batávia, hoje Jakarta – onde os portugueses nunca estiveram, mas pessoas deslocadas pelos holandeses após a queda de Malaca em suas mãos no século XVII e que trouxeram sua língua, de base portuguesa.

Passados quase 500 anos do primeiro contato dos portugueses com os povos do Sudeste Asiático, ainda restam provas cabais desse intenso contato humano e linguístico, tanto na língua quanto na cultura locais.

Creemos ter contribuído para a atualizar e complementar os estudos de Santa Maria (1967) e do *Indonesian Loan-words Project*, dos estudiosos Grijns, de Vries e Santa Maria (1983). Pretendemos aprofundar a análise das mudanças e adaptações semânticas e fonéticas dos empréstimos do português em futuros artigos.

Referências

ALI, Manuel Said. *Lexeologia do Portuguez Historico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

ALVES, Manuel dos Santos. *Dicionário de Camões*. Lisboa: Universitária Editora, Lda., 1994.

BARTENS, Angela. *Die iberoromanisch-basierten Kreolsprachen. Ansätze der linguistischen Beschreibung*. (Tese de doutorado na Universität Göttingen) Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.

BAXTER, Alan Norman. *A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Pacific Linguistics Series B – N°. 95. Canberra: The Australian National University, 1988.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARDOSO, Hugo. O português em contacto na Ásia e no Pacífico. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina. *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin, Mouton de Gruyter 2016. (pp.68-97)

COROMINAS, Joan ; Pascual, José Antonio. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madri: Gredos,1980.

CUNHA, Antônio Geraldo da (Org.). *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*. Volume A. Introdução e fac-símiles. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Portuguese Vocables in Asiatic Languages: From the Portuguese Original of Monsignor Sebastião Rodolfo Dalgado*.

Nova Delhi: Asian Educational Services, 1988.

DAUZAT, Albert. *Les Étapes de la Langue Française. Que sais-je?* Paris : Presses Universitaires de France, 1948.

DEMPFWOLFF, Otto. *Vergleichende Lautlehre des austronesischen Wortschatzes. Dritter Band: Austronesisches Wörterverzeichnis.* Berlin; Friedrichsen, De Gruyter & CO, 1938.

ENSLING, Eva. *Historische, soziolinguistische und kulturelle Aspekte des Papia Kristang, einer Kreolsprache Malaysias.* Dissertação de Mestrado, Universidade de Frankfurt am Main. Frankfurt am Main: 2008. Disponível em: <http://publikationen.ub.uni-frankfurt.de/frontdoor/index/index/docId/5785>

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele; ARAÚJO, Gabriel Antunes de. A adaptação de palavras do português para o papiamento. *In: Filologia Linguística Portuguesa.* São Paulo, v. 16, n. 2, p. 433-455, jul./dez. 2014 .

GRIJNS, C. D.; de VRIES, Jan W.; SANTA MARIA, Luigi. (Orgs.). *Indonesian Etymological Project: V European Loan-Words in Indonesian. A check-list of words of European origin in Bahasa Malay and Traditional Malay.* Leiden: Koninklijk Instituut voor Taal-, Land – en Volkenkunde, 1983.

GROENBOER, Kees. *Gateway to the West. The Dutch Language in Colonial Indonesia 1600-1950. A History of Language Policy.* Amsterdam: Amsterdam University Press, 1998.

KAMUS DEWAN. Kuala Lumpur: Dewan Bahasa dan Pustaka, 1995.

KARTOMI, Margaret. Portuguese Musical Imprint in the Malay-Indonesian-World. *In: Review of Culture.* Macau, 2(26), January-March

1966, pp. 25-35.

KORNHÄUSER, Bronia. *Kroncong Music in Urban JaDesculpeva*. MA Thesis dissertation. Clayton/Melbourne: Monash University, 1976. pp. 108ff.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Confluência 1952-59.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

MESSNER, Dieter. *História do Léxico Português (com a origem das palavras citadas)*. Heidelberg: Universitätsverlag Carl Winter, 1990.

NETO, Serafim da Silva. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Presensa, 1952.

NOLL, Volker. *Das brasilianische Portugiesische. Herausbildung und Kontraste*. (Habilitationsschrift an der Universität Göttingen) Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1999.

OLIVEIRA, Aldina de Araújo. *A Influência da Cultura e da Língua Portuguesas na Indonésia*. Vila Nova de Famalicão : Centro Gráfico, 1975.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da Língua Portuguesa. II. Século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

PONELIS, Fritz. *The development of Afrikaans*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1993.

SANTA MARIA, Luigi. *I Prestiti Portoghesi nel Malese-Indonesiano*. Nápolis: Istituto Orientale di Napoli, 1967.

SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurelio. Empréstimos lingüísticos do português nas línguas faladas no País dos Tabons. In: *Palavras* (Lisboa) (Cessou em 1987), v. 34, p. 47-60, 2008.

SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurelio. A formação do papeamento, suas origens portuguesas, africano-ocidentais e brasileiras. In: (Syn)thesis, v. 7, n. 2 (2014). Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

SCHUHARDT, Hugo. Ueber das Malaioportugiesische von Batavia und Tugu (Kreolische Studien IX), In: *Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Classe der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*, 122 Band. Viena: Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, 1890.

SPINA, Segismundo. *História da Língua Portuguesa. III. Segunda metade do século XVI e século XVII*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

THOMAZ, Luiz Filipe F.R. L'influence du malais sur le vocabulaire portugais. In: SANTA MARIA; RIVALI; SORRENTINO (Org.) *Papers from the III European Colloquium on Malay and Indonesian Studies. (Naples, 2-4 June, 1981)*. Neapel, Istituto Universitario Orientale, 1988.

TIM PENYUSUN. *KAMUS BAHASA INDONESIA*. Jakarta: Balai Pustaka, 1993.

VIANNA, Aniceto dos Reis. Gonçalves. *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

WANKE, Eno Teodoro. *A ortografia que nos atormenta*. Rio de Janeiro, Ed. Codpoe 1987.

WIREBACK, Kenneth. *The Role of Phonological Structure in Sound Change from Latin to Spanish and Portuguese*. New York: Peter Lang

Publishing, Inc., 1997.

YONG, Janet. Malay/Indonesian speakers. In: SWAN, Michael; SMITH, Bernard. (Authors): *Learner English: A Teacher's Guide to Interference and Other Problems* (Cambridge Handbooks for Language Teachers, pp. 279-295). Cambridge: Cambridge University, 2001.

YULE, Henry; BURNELL, Arthur Coke; CROOKE, William. (Orgs.) *Hobson-Jobson. A Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words and Phrases*. Nova Delhi, Munshiram Manoharlal Publishers Pvt. Ltd., 1994.

Inventory of words of Portuguese loanwords in Malay/Indonesian

Abstract: This article aims to review and update the existing lists up to the decade of 1980 of the words of Portuguese origin in Malay/Indonesian. The corpus used was, besides the two lists, the two most complete dictionaries of both national varieties of the language in order to verify the presence or not of the words of Portuguese origin. It was found that approximately 2/3 of the words were still in the dictionaries. It was also intended to evaluate what those Portuguese loanwords say about the linguistic contact between the Portuguese and the people of Southeast Asia. It could be found that this contact was much more intense than simple commercial relations.

Keywords: Language contact; Portuguese Language; Malay/Indonesian.

Recebido em: 05/03/2021

Aceito em: 24/04/2021